

ENTRE O LIVRO E O LUGAR
PRÓLOGOS
PATRICIA OSSES

ENTRE O LIVRO E O LUGAR
PRÓLOGOS
PATRICIA OSSES

PRÓLOGOS

25 DE 100. TAMBÉM SINÔNIMO DE PREFÁCIO, PREÂMBULO, PROÊMIO, PRELÚDIO E PRORMÔNIO. ENTRADA. INTRODUÇÃO, ACESSO. SAGUÃO.

SÓCRATES - A memória, unida às sensações, e as paixões que dela dependem, parecem-me quase estar escrevendo palavras nas nossas almas; e quando esta paixão escreve verazmente, se produzem dentro de nós opiniões e discursos verdadeiros, mas quando o escriba interior escreve o falso, o resultado é contrário ao verdadeiro.

PROTARCO - Sou inteiramente da tua opinião, e aceito o que acabas de dizer.

SÓCRATES - Então aceita também a presença, ao mesmo tempo, em nossa alma, de um outro artista.

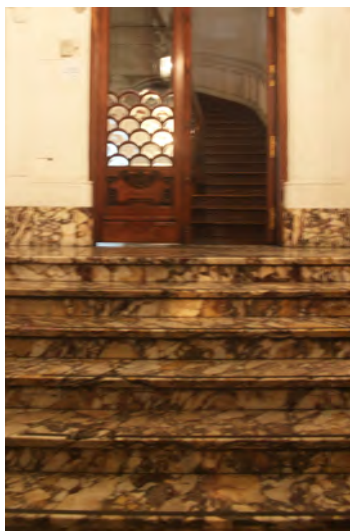
PROTARCO - Quem?

SÓCRATES - Um pintor que, depois do escriba, desenha na alma as imagens das coisas ditas.

PLUTARCO - Mas, como e quando?

SÓCRATES - Quando um homem, após ter recebido da visão ou de qualquer outro sentido os objetos da opinião e dos discursos, vê de algum modo dentro de si as imagens destes objetos. Não é assim que acontece?

de Eros ao Espelho, in Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental,
Giorgio Agamben



Nas passagens, de fato, trata-se não de clarear o espaço interior, como em outras construções em ferro, mas de atenuar o espaço exterior.



Horizonte amplos, claros como o dia, estendem-se então por toda a cidade ao cair da noite.



Como a porta e as paredes são cobertas de espelhos, não se sabe se estamos entrando ou saindo, tão ambígua é essa claridade.



Quando dois espelhos se refletem, Satanás prega sua peça preferida, abrindo aqui à sua maneira (como seu parceiro o faz nos olhares dos amantes) a perspectiva do infinito.



Egoístas - “é isto que nos tornamos em Paris, onde mal se pode dar um passo sem perceber seu próprio e adorado eu. Espelhos e mais espelhos! Em cafés e restaurantes, em boutiques e lojas de departamentos, em salões de beleza e salões literários, nos banhos públicos e por toda parte, “a cada palmo um espelho!”



Aqui as mulheres se vêem a si mesmas mais do que em outros lugares, daí surgiu a beleza singular das parisienses. Antes que um homem olhe para elas, já terão visto, elas mesmas, sua imagem refletida por dez vezes.



Mas também o homem vê sua própria fisionomia, em um lampejo. Ele encontra sua imagem mais rapidamente do que em qualquer outro lugar e chega a um acordo com ela.



Até mesmo os olhos dos transeuntes são espelhos velados, e sobre o grande leito do Sena, sobre Paris, estende-se o céu como o espelho de cristal sobre os leitos baixos das casas de prazeres.



Redon pintas as coisas como se aparecessem em um espelho um tanto turvo. Seu universo de espelhos, porém, é plano, avesso à perspectiva.



Como as portas e paredes são cobertas de espelhos, não sabemos o que pensar diante dessa
clareza incerta.



Quando as chapas de vidro ainda eram fabricadas somente com a expansão de um cilindro de vidro soprado com a boca por meio de um tubo, suas medidas tinham um limite constante, relativamente pequeno, determinado pela força dos pulmões durante o sopro. É apenas recentemente que o sopro foi substituído pelo ar comprimido.



Sobre a luz que predomina nas passagens: “Glauco, clarão, de alguma maneira abissal, que tem algo da claridade repentina de uma saia que se levanta, de uma perna que se descobre.”



“Mal saíam de casa, adentravam em um corredor largo e arejado, com um teto de cristal, no qual quase todas as casas vizinhas pareciam desembocar. Porém, junto a ele, mas separado dele unicamente por uma parede totalmente transparente, parecendo ter sido construída por finas camadas de gelo, fluía a clara torrente.”



Um sussuro de olhares enche as passagens. Não há coisa alguma aqui, quanto menos se espera, que não lance um rápido olhar, fechando os olhos com uma piscadela, mas a um olhar mais atento, ela já desapareceu. O espaço empresta seu eco ao sussuro destes olhares. “O que terá acontecido em mim? - pergunta, piscando.” Nós hesitamos. “Sim, o que terá acontecido em você? Assim devolvemos-lhe a pergunta, baixinho.



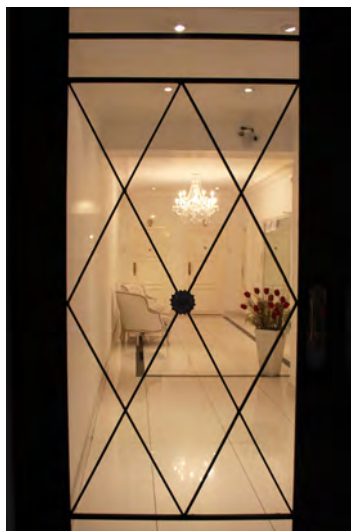
“Sei que o público atual, sendo o mais belo de todos os públicos, ama apaixonadamente ver-se em família nesses imensos espelhos que ornaram os cafés do boulevard, ou que a mão de um tapeceiro literário instala amigavelmente em seu quarto de dormir.”



Paris é a cidade dos espelhos. Asfalto das ruas, liso como um espelho, terraços envidraçados diante de todos os bistrôs. Uma fartura de vidros e espelhos nos cafés, para torná-los mais claros por dentro e conferir uma agradável amplidão a todos os minúsculos recintos e compartimentos em que se subdividem os estabelecimentos parisienses.



“Para a percepção sensível, estas superfícies de vidro, de fato, se dissolvem praticamente em claridade. Na grande cripta de Micenas, esta concepção foi talvez realizada com tanta determinação que todo o espaço dissolveu-se uniformemente nesse brilho.”



O fato de que esta última - mas maior - obra da magia dos espelhos possa ser vista ainda hoje deve-se talvez mais ao seu alto custo de produção do que à sua atração e rentabilidade que estão diminuindo hoje em dia.



A maneira como os espelhos e vidros captam o espaço livre, a rua, e o transportam para o café, isso também faz parte do entrecruzamento de espaços - o espetáculo no qual o flâneur se sente irremediavelmente arrebatado.



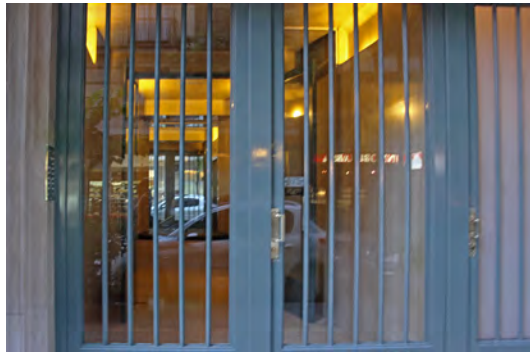
A crescente falta de cor do vidro transparente atrai o mundo exterior para dentro do mundo interior, o revestimento de espelhos das paredes conduz a imagem do mundo interior para o mundo exterior. Tanto aqui quanto lá, a 'paredé' perde seu significado de limitação do espaço. O 'brilho' perde gradativamente a cor própria de sua essência e torna-se cada vez mais exclusivamente o espelho da luz exterior.



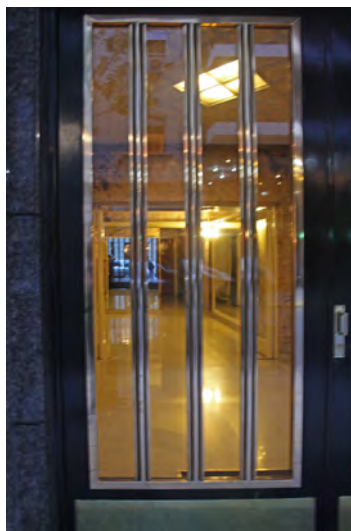
“Tanto na Saint Chapelle quanto na Galerie des Glaces, no entanto, essa relação entre superfície e luz configurou-se de tal maneira que a luz não mais interrompe a superfície, e sim a superfície interrompe a luz.”



Desde quando existe o costume de colocar espelhos, em vez de pinturas, em molduras ricamente talhadas de antigos quadros?



Pode-se comparar a pura magia das paredes de espelhos, que conhecemos dos tempos do feudalismo, com a magia sufocante exercida pelas paredes espelhadas das passagens, que nos convidam a entrar em bazares sedutores.



Onde foram fabricados estes espelhos? E quando surgiu o costume de decorar os estabelecimentos com eles?



Em relação ao tema do espelho, é preciso mencionar aqui a história do homem que, no interior de sua butique ou de seu bistrô, não suportava ter sempre diante dos olhos, no vidro externo, as letras escritas ao contrário. Criar uma anedota a respeito.

Me ocurría a veces que todo se dejaba andar, se ablandaba y cedía terreno, aceptando sin resistencia que se pudiera ir así de una cosa a otra. Digo que me ocurría, aunque una estúpida esperanza quisiera creer que acaso ha de ocurrirme todavía. Y por eso, si echarse a caminar una y otra vez por la ciudad parece un escándalo cuando se tiene una familia y un trabajo, hay ratos en que vuelvo a decirme que ya sería tiempo de retornar a mi barrio preferido, olvidarme de mis ocupaciones (soy corredor de Bolsa) y con un poco de suerte encontrar a Josiane y quedarme con ella hasta la mañana siguiente.

Quién sabe cuánto hace que me repito todo esto, y es penoso porque hubo una época en que las cosas me sucedían cuando menos pensaba en ellas, empujando apenas con el hombro cual-quier rincón del aire. En todo caso bastaba ingresar en la deriva placentera del ciudadano que se deja llevar por sus preferencias callejeras, y casi siempre mi paseo terminaba en el barrio de las galerías cubiertas, quizá porque los pasajes y las galerías han sido mi patria secreta desde siempre. Aquí, por ejemplo, el Pasaje Güemes, territorio ambiguo donde ya hace tanto tiempo fui a quitarme la infancia como un traje usado. Hacia el año veintiocho, el Pasaje Güemes era la caverna del tesoro en que deliciosamente se mezclaban la entrevisión del pecado y las pastillas de menta, donde se voceaban las ediciones vespertinas con crímenes a toda página y ardían las luces de la sala del subsuelo donde pasaban inalcanzables películas realistas.

Y ya entonces era sensible a ese falso cielo de estucos y claraboyas sucias, a esa noche artificial que ignoraba la estupidez del día y del sol ahí afuera. La antigua fascinación perdura siempre, y por eso me gustaba echar a andar sin rumbo fijo, sabiendo que en cualquier momento entraría en la zona de las galerías cubiertas, donde cualquier sórdida botica polvorienta me atraía más que los escaparates tendidos a la insolencia de las calles abiertas.

Esa Galerie Vivienne a un paso de la ignominia diurna de la rué Réau-mur y de la Bolsa (yo trabajo en la Bolsa), cuánto de ese barrio ha sido mío desde siempre, desde mucho antes de sospecharlo ya era mío cuando apostado en un rincón del Pasaje Güemes.

Mi novia, Irma, encuentra inexplicable que me guste vagar de noche por el centro o por los barrios del sur, y si supiera de mi predilección por el Pasaje Güemes no dejaría de escandalizarse.

Y qué bonita y dulce era Josiane en su bohardilla de novela barata, con el miedo al estrangulador rondando por París. Otra cosa nos acercó, y también en eso fui afortunado, porque a Josiane le gustaban las galerías cubiertas, quizá por vivir en una de ellas o porque la protegían del frío y la lluvia.

Después salí a la calle nevada y glacial y me puse a andar sin rumbo, hasta que en algún momento encontré como siempre el camino que me devolvería a mi barrio, entre gente que leía la sexta edición de los diarios o miraba por las ventanillas del tranvía como si realmente hubiera alguna cosa que ver a esa hora y en esas calles.

No siempre era fácil llegar a la zona de las galerías y coincidir con un momento libre de Josiane; cuántas veces me tocaba andar solo por los pasajes, un poco decepcionado, hasta sentir poco a poco que la noche era también mi amante. Eran las horas del explorador y así fui entrando en las zonas más remotas del barrio, en la Galerie Sainte-Foy, por ejemplo, y en los remotos Passages du Caire, pero aunque cualquiera de ellos me atrajera más que las calles abiertas (y había tantos, hoy era el Passage des Princes, otra vez el Passage Verdeau, así hasta el infinito), de todas maneras el término de una larga ronda que yo mismo no hubiera podido reconstruir me devolvía siempre a la Galerie Vivienne, no tanto por Josiane aunque también fuera por ella, sino por sus rejas protectoras, sus alegorías vetustas, sus sombras en el codo del Passage des Petits-Pères, ese mundo diferente donde no había que pensar en Irma y se podía vivir sin horarios fijos, al azar de los encuentros y de la suerte.

Estuve a punto de hacerlo, y ahora no soy más que uno de los muchos que se preguntan por qué en algún momento no hicieron lo que habían pensado hacer. (...) No me acuerdo bien de lo que sentí al renunciar a mi impulso, pero era algo como una veda, el sentimiento de que si la trasgredía iba a entrar en un territorio inseguro. Y sin embargo creo que hice mal, que estuve al borde de un acto que hubiera podido salvarme. Salvarme de qué, me pregunto. Pero precisamente de eso: salvarme de que hoy no pueda hacer otra cosa que preguntármelo, y que no haya otra respuesta que el humo del tabaco y esa vaga esperanza inútil que me sigue por las calles como un perro sarnoso.

Où sont-ils passés, les becs de gaz? Que sont-elles devenues, les vendeuses d'amour?
....., VI, I.

Anduve como a los tumbos por calles donde los tacos se hundían en el asfalto blando. De esa vagancia estúpida me queda un brusco recuerdo delicioso: al entrar una vez más en el Pasaje Güemes me envolvió de golpe el aroma del café, su violencia ya casi olvidada en las galerías donde el café era flojo y recocado. Bebí dos tazas, sin azúcar, saboreando y oliendo a la vez, quemándome y feliz.

Creo que en esos días empecé a sospechar que ya el deseo no bastaba como antes para que las cosas girasen acompasadamente y me propusieran alguna de las calles que llevaban a la Galerie Vivienne. Hasta que no pude más y volví a la ciudad y caminé hasta agotarme, con la camisa pegada al cuerpo, sentándome en los bares para beber cerveza, esperando ya no sabía qué. Y cuando al salir del último bar vi que no tenía más que dar la vuelta a la esquina para internarme en mi barrio.

Josiane no era de las que reprochan las ausencias, y me pregunto si en el fondo se daba cuenta del paso del tiempo.

Al principio lo escuché con avidez, hasta que lentamente, como desde más allá de él y de Josiane y de la celebración del aniversario, me fué invadiendo algo que era como un abandono, el sentimiento indefinible de que eso no hubiera debido ocurrir en esa forma, que algo estaba amenazando en mí el mundo de las galerías y los pasajes, o todavía peor, que mi felicidad en ese mundo había sido un prelude engañoso, una trampa de flores como si una de las figuras de yeso me hubiera alcanzado una guirnalda mentida.

Empecé a sentir que el barrio de las galerías ya no era como antes el término de un deseo, cuando bastaba echar a andar por cualquier calle para que en alguna esquina todo girara blandamente y me allegara sin esfuerzo a la Place des Victoires donde era tan grato demorarse vagando por las callejuelas con sus tiendas y zaguanes polvorientos, y a la hora más propicia entrar en la Galerie Vivienne en busca de Josiane.

Ahora, en cambio, sin siquiera tener el consuelo de reconocer como aquella mañana el aroma vehemente del café en el Pasaje Güemes (olía a aserrín, a lejía), empecé a admitir desde muy lejos que el barrio de las galerías no era ya el puerto de reposo, aunque todavía creyera en la posibilidad de liberarme de mi trabajo y de Irma, de encontrar sin esfuerzo la esquina de Josiane. A cada momento me ganaba el deseo de volver; frente a las pizarras de los diarios, con los amigos, en el patio de casa, sobre todo al anochecer, a la hora en que allá empezarían a encenderse los picos de gas. Pero algo me obligaba a demorarme junto a mi madre y a Irma, una oscura certidumbre de que en el barrio de las galerías ya no me esperarían como antes, de que el gran terror era el más fuerte.

Una y otra vez me pregunté por qué, si el gran terror había cesado en el barrio de las galerías, no me llegaba la hora de encontrarme con Josiane para volver a pasear bajo nuestro cielo de yeso. Supongo que el trabajo y las obligaciones familiares contribuían a impedírmelo, y sólo sé que de a ratos perdidos me iba a caminar como consuelo por el Pasaje Güemes, mirando vagamente hacia arriba, tomando café y pensando cada vez con menos convicción en las tardes en que me había bastado vagar un rato sin rumbo fijo para llegar a mi barrio y dar con Josiane en alguna esquina del atardecer. Nunca he querido admitir que la guirnalda estuviera definitivamente cerrada y que no volvería a encontrarme con Josiane en los pasajes o los boulevares.

Y entre una cosa y otra me quedo en casa tomando mate, escuchando a Irma que espera para diciembre, y me pregunto sin demasiado entusiasmo si cuando lleguen las elecciones votaré por Perón o por Tamborini, si votaré en blanco o sencillamente me quedaré en casa tomando mate y mirando a Irma y a las plantas del patio.

IMAGENS - DA SÉRIE “CIEN PRÓLOGOS”, DE PATRICIA OSSES: 24 IMAGENS FEITAS EM BUENOS AIRES, 2012. 1 IMAGEM FEITA EM PARIS, 2014.

FRASES - TRECHOS SELECIONADOS DO ARQUIVO “R [ESPELHOS]”, DE WALTER BENJAMIN IN “PASSAGENS”. BELO HORIZONTE, EDITORA UFMG, 2006.

TEXTO - TEXTOS SELECIONADOS DO CONTO “EL OTRO CIELO”, DO ESCRITOR ARGENTINO JÚLIO CORTÁZAR, IN “TODOS LOS FUEGOS EL FUEGO”. BUENOS AIRES, EDITORIAL SUDAMERICANA, 1989.

ENTRE O LIVRO E O LUGAR
PRÓLOGOS
PATRICIA OSSES